

CINEMA E EDUCAÇÃO: FILMES BRASILEIROS PARA AS ESCOLAS

GABRIELA MONTEZI¹; DOUGLAS OSTRUCA²; CÍNTIA LANGIE³; LIÂNGELA XAVIER⁴

¹Graduanda em Cinema e Audiovisual UFPel – gabi2montezi@hotmail.com

² Graduando em Cinema e Audiovisual UFPel – douglas.ostruka@hotmail.com

³Professora de Cinema e Audiovisual UFPel – cintialangie@gmail.com

⁴ Professora de Cinema e Audiovisual UFPel - lanzacx@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O debate sobre o papel do cinema na educação vem desde seus primórdios, sendo uma nova possibilidade de recontar histórias e também manipular o tempo, acelerando-o ou reduzindo-o, podendo servir como registro do cotidiano e até mesmo experimentos. No Brasil, a discussão sobre essa pauta se intensificou com o decreto 21.240, assinado por Getúlio em 1932, que regula o cinema educacional, reconhecendo sua importância, além de pontuar o papel da censura como tarefa do governo.

Assim como colocam Rosalia Duarte e João Alegria (2008), no artigo *Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação*, o cinema foi e ainda é muito usado de maneira instrumental. Ou seja, como instrumento para transmitir conteúdos de grades curriculares, sendo comum ter seu valor cultural e artístico deixado de lado.

Para mudar essa visão, são necessários projetos que se proponham a formar o olhar dos espectadores. Aguçando o sentido estético e despertando o interesse para um cinema que foge à linguagem clássica, esse é o caso de projetos como o *Cine UFPel para as Escolas* e o *Cinema nas escolas*¹.

O projeto de extensão *Cine UFPel para as Escolas*, anteriormente chamado LIPA (Laboratório Integrado de Produção Audiovisual), surgiu em 2015. Tendo como intuito formar público para o cinema nacional, através da exibição² gratuita de filmes brasileiros, curtas e longas-metragens, para crianças e adolescentes de escolas públicas do município.

Vale ainda pontuar que nesse debate é importante levar em consideração o grau de acessibilidade das salas de cinema e também, quais filmes chegam ao mercado exibidor. Assim, para aprofundar em relação à formação de público para o cinema nacional, temos como base autores que abordam o tema cinema e educação. Entre eles, os já citados ALEGRIA e DUARTE (2008), além de J. Loureiro (2008) que apresenta, entre outros pontos, um estudo sobre reeducação do olhar do espectador. Para considerações necessárias sobre o mercado exibidor no Brasil, nos utilizaremos dos estudos de J.G. Barone (2008).

2. METODOLOGIA

Os filmes exibidos nesse projeto são todos nacionais, sendo que é dada preferência para aqueles que possuem acesso mais restrito às salas de cinema

¹ Realizado nos anos de 2012 e 2013, como extensão acadêmica do curso de Letras – língua portuguesa, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, em Erechim.

² As sessões são realizadas no Cine UFPel - sala de cinema digital da UFPel, localizada no auditório do prédio da Lagoa Mirim, a qual é gerida por professores e estudantes dos Cursos de Cinema da UFPel.

comerciais, que conforme BARONE (2008) estão em sua maioria localizadas em shoppings. Cada escola pode ter mais de um grupo, de acordo com a idade das crianças. Desse modo, realizamos exibições mensais com cada um desses grupos.

Uma das atividades centrais do projeto é a curadoria dos filmes, selecionados a partir das diferentes classificações indicativas. Além disso, pensamos nos tópicos que podem ser levantados no debate, realizado após as sessões.

Na lista de filmes exibidos estão *As aventuras do avião vermelho* (Frederico Pinto; José Maia, 2012), *Hoje eu quero voltar sozinho* (Daniel Ribeiro, 2014), *Morro do céu* (Gustavo Spolidoro, 2009), *O ano em que meus pais saíram de férias* (Cao Hamburger, 2006), *Os famosos e os duendes da morte* (Esmir Filho, 2009), *Quando eu era vivo* (Marco Dutra, 2014), *Saneamento básico, o filme* (Jorge Furtado, 2007), *Uma professora muito maluquinha* (André Alves Pinto, César Rodrigues, 2010), entre muitos outros.

O Cine UFPel para as escolas está embasado na Lei 13.006 de 2014, que prevê a obrigatoriedade de 2h semanais de filmes nacionais nas escolas de ensino básico do Brasil. Assim, buscamos estimular os alunos a pensarem criticamente em relação aos filmes, tanto em um sentido cultural, quanto artístico. Realizamos isso por meio de debates e discussões acerca de temáticas sociais e também, a respeito da parte técnica das obras apresentadas. Visando ampliar a visão que essas crianças têm do mundo ao seu redor, pois como coloca Loureiro (2008), em seu artigo *Educação e Realidade*:

Os filmes também participam na formação de valores éticos e juízos de gosto e, nesse sentido, portam uma faceta educacional. [...] São uma fonte de formação humana, pois estão repletos de crenças, valores, comportamentos éticos e estéticos constitutivos da vida social (2008, p.136).

Assim sendo, são apresentados filmes que possibilitam debates de questões como gênero, sexualidade, educação, consumo, identidade, cultura negra, convívio social, entre outros. Mostrando que todos os filmes trazem um discurso implícito e explícito, por vezes mais evidente e por outras menos. No que diz respeito à linguagem audiovisual, procuramos abordar da forma mais didática possível. Trazendo informações básicas como alguns termos técnicos, funções da equipe que produz o filme, gêneros cinematográficos, enquadramentos, entre outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2015 e 2016, nosso projeto recebeu cerca de 1480 visitas de alunos. Os grupos participantes pertencem às seguintes escolas: E.M.E.F Dr Joquim Assumpção; Colégio Estadual Félix da Cunha; E.E.E.F. Padre Anchieta; E.M.E.F. Santa Irene; E.M.E.F. Olavo Bilac; E.E.E.F. Sagrado Coração de Jesus; E.E.E.F. Francisco Simões e E.M.E.F. Ferreira Viana.

No contexto atual, grande parte das salas de cinema se encontram em *multiplex*, complexos de salas estabelecidas nos *shopping center*. Fator que encarece o valor dos ingressos e restringe o público, pois dificulta o acesso de classes menos favorecidas a esse ambiente. Assim, os que têm acesso aos canais de televisão aberto possuem disponíveis os filmes que compõem as grades de exibição dessas emissoras, os quais tendem a uma linguagem mais acessível (ALEGRIA; DUARTE, 2008).

Além disso, com a hegemonia mundial do cinema Hollywoodiano³, os filmes nacionais, sobretudo os de baixo orçamento e com linguagem não convencional, encontram dificuldade de se inserir nas salas de cinema comerciais. Para garantir seu espaço, esses filmes dependem das cotas de tela garantidas pelo governo, ainda necessitando competir bilheteria com os grandes lançamentos internacionais.

Assim, mesmo aqueles que possuem poder aquisitivo para ir aos cinemas, não tem acesso à grande parte dos filmes nacionais com propostas que fogem ao clássico. Pois esses filmes não são absorvidos pelo mercado e quando o são, é por conta das cotas, citadas anteriormente (BARONE, 2007). Como resultado dessas questões, o público em geral fica acostumado com filmes de linguagem clássica.

Dante disso tudo, parece urgente pensar em uma outra possibilidade de ensinar as crianças a ver filmes, tendo como objetivo construir com elas os conhecimentos necessários para a avaliação da qualidade do que vêm e para a ampliação de sua capacidade de julgamento estético, partindo do princípio de que o cinema é uma das mais importantes artes visuais da atualidade, com um imenso poder de atração e indiscutível potencial criativo (ALEGRIA E DUARTE, p.73, idem).

Há, portanto, necessidade de mais projetos como o Cine UFPel para as escolas, pois colocar o cinema nacional em evidência é uma forma de valorizar o que é produzido no nosso próprio país, é difundir a cultura local.

4. CONCLUSÕES

O Cine UFPel para as escolas é uma alternativa para superar o uso instrumental do cinema, ampliando os horizontes de abordagem e reconhecendo seu valor artístico e cultural. Sendo capaz de promover múltiplos debates, mesmo sem estar necessariamente ligado a um conteúdo curricular.

Assim, procuramos formar um público crítico, com interesse pelo cinema produzido em seu próprio país, ampliando os horizontes das crianças que participam do projeto. Além disso, a realização dessas sessões aumenta o acesso à produção cinematográfica brasileira, através da divulgação, da socialização e da difusão dessas obras. O que incidirá na promoção de um acesso mais amplo e igualitário melhorando a situação das produções brasileiras no quadro do mercado exibidor nacional.

Com isso, não só o cinema nacional, de maneira geral, é beneficiado, mas principalmente os estudantes participantes do projeto. Que ao participarem dos debates e discussões, muitas vezes deixados de lado pelas escolas, desenvolvem pensamento crítico enquanto indivíduos e também espectadores. Já que os temas abordados, são fundamentais para a construção social dessas crianças e adolescentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

³ Segundo LOUREIRO (2008), os filmes Hollywoodianos buscam ser mais reais do que representar a realidade propriamente dita, e isso sem abrir mão do final feliz, contribuírem também com o conformismo do espectador e têm a presença de “heróis que correspondem a sua visão violenta e ‘humanitária’ do ‘mundo do progresso’” (Rocha apud LOUREIRO, p.137). Além de sempre buscar ocultar o processo de produção.

ALEGRIA, João; DUARTE, Rosalia. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.33, n.1, p.59-80, 2008.

BARONE, J.G. Exibição, crise de público e outras questões do cinema brasileiro. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v.13, n.20, 2008.

LOUREIRO, R. Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.33, n.1, p.135-154, 2008.